

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

A VISÃO DE DURKHEIM SOBRE A ESCOLA E A FAMÍLIA NA TRANSFORMAÇÃO DA CRIANÇA EM UM SER SOCIAL.

Mércia Maria De Santi Estácio.

Cita:

Mércia Maria De Santi Estácio (2009). *A VISÃO DE DURKHEIM SOBRE A ESCOLA E A FAMÍLIA NA TRANSFORMAÇÃO DA CRIANÇA EM UM SER SOCIAL. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1771>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

“A VISÃO DE DURKHEIM SOBRE A ESCOLA E A FAMÍLIA NA TRANSFORMAÇÃO DA CRIANÇA EM UM SER SOCIAL”

MÉRCIA MARIA DE SANTI ESTÁCIO

ORIENTADORA: PROF^a DR^a LORE FORTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

merciaestacio@ig.com.br

CONTEXTUALIZAÇÃO

Tendo como ponto de partida a visão de Émile Durkheim discutiremos a posição da criança como um ser social. Para tanto, retomaremos alguns conceitos como: criança; escola; família, dentre outros. Numa tentativa de identificar e verificar a mudança sofrida pelas responsabilidades assumidas por esses dois pilares – a família e a escola - para o crescimento e desenvolvimento da criança. Abordaremos também a efemeridade da sociedade contemporânea, pautada na cultura dos descartáveis e na diluição das relações pessoais.

Nos primórdios as crianças e a infância eram vistos como momentos da vida com pouca importância, algo passageiro, instável que não recebia por parte do mundo adulto maior atenção. Nesse sentido, observamos com facilidade e recorrência crianças que se assemelhavam a adultos em miniatura sendo diferenciados apenas pela estatura, bem como, nos direitos reservados a ambos.

"Meúdos", "ingênuos", "infantes" são expressões com as quais nos deparamos nos documentos referentes à vida social na América portuguesa. O certo é que, na mentalidade coletiva, a infância era, então, um tempo sem maior personalidade, um momento de transição e por que não dizer, uma esperança. (PRIORE, 1999)

Nessa perspectiva consideramos que a infância da criança – não apenas com um dado etário, um ser dotado de representações heterogêneas, um ser lúdico – praticamente não existia ou era circunscrita a escassos momentos. Com a instauração de uma nova ordem política, social e econômica, movida por diversos fatores como o capitalismo industrial, o neoliberalismo e tudo gerado a partir dos mesmos – aparição da família nuclear e burguesa, migrações, a inserção da criança na família e o surgimento da escola – aconteceram mudanças que interferiram na organização da célula familiar e conseqüentemente na vida das crianças.

As mudanças acima mencionadas evidenciam além do surgimento de um novo sentimento pela infância, a necessidade de existência de instituições públicas destinadas às crianças. Para essa nova sociedade – a moderna – surgia a necessidade de escolarização para essa criança, de uma preparação para uma atuação futura. Originam-se nesse contexto dois sentimentos pela infância, um que era nutrido pela necessidade do excesso de cuidado, beirando a “paparicação” e outro que exigia a moralização, a disciplina. No decorrer desse processo histórico de reconhecimento das crianças, nasceram diferentes representações, concepções maneira de educá-las, principalmente nos espaços coletivos destinados à educação, identificamos algumas contradições dessas novas concepções.

A criança era considerada imperfeita, incompleta, sendo dever da educação discipliná-la, uma vez que ela era possuidora de uma natureza boa, que necessitava ser preservada e como um rio ter seu curso fluindo espontaneamente. Nessa perspectiva a criança era considerada como um dado natural e universal. Caiam por terra então concepções de criança que a comparavam ao adulto, ou chamavam-na de “tábua rasa”, etc. E neste viés, é importante a interface de várias áreas de conhecimento como a psicologia, a sociologia, a antropologia, a história e a pedagogia, que num esforço coletivo e comum se unem para reconhecer a capacidade simbólica das crianças, suas representações sociais, sua produção cultural, ou melhor, a cultura infantil.

“A aparição da criança como categoria social se dá lentamente entre os séculos XIII e XVII”. (PAULA 2005, apud ARIËS 1979, p.14). A infância não era considerada *uma categoria social*, o que não implica dizer que as crianças estivessem separadas da sociedade, ou que a elas era ofertada total autonomia para sua socialização ou que suas produções não sofriam interferência do mundo social dos adultos. O que precisa ficar claro, é que as crianças atribuem outras significações e sentidos sobre o que as cerca e ao que fazem. As crianças criam suas próprias regras de acordo com as relações que estabelecem com seus pares, para no futuro serem encorajadas a outras possibilidades, ampliando a expansão de acordos, de criações, de expressões, de produções culturais.

Na época colonial existiam poucas escolas e muitas restrições para a “clientela” que iria frequentá-la. A entrada de meninas e escravos era proibida, ficando essas duas categorias à margem da sociedade, recebendo educação apenas das famílias onde estavam inseridas. Havia uma grande preocupação com a disciplina da criança, com o adestramento – fato ainda recorrente atualmente – os educadores não eram devidamente preparados para alicerçar o crescimento das crianças pautando suas práticas em castigos e recompensas, tornando a escola um espaço de sofrimento, odiado pela maioria das crianças.

Atualmente no Brasil temos muitas escolas, mas distribuídas de forma irregular, concentrando-se nas capitais, nos centros urbanos, colocando à margem a população rural e/ou promovendo grandes deslocamentos. Muitos aspectos mudaram no cenário educacional, novos métodos surgiram, e uma maior preocupação em se compreender o mundo da criança com todas as suas peculiaridades e sutilezas e não apenas enxergá-los como adultos em miniaturas, mas sim como uma categoria social. Nossos professores avançaram, hoje investem mais na formação profissional, buscando sair da prática e alcançar à práxis, mas ainda podemos encontrar atuações parecidas com as do Brasil - Colônia, que buscam a disciplina e o adestramento das crianças.

A história deixou marcas indeléveis na organização familiar afetada e promovida pelas mudanças ocorridas na sociedade onde estava inserida. O pai que era a grande figura central dessa formação, decidindo sobre a vida dos seus descendentes, vai tendo seu espaço de atuação diminuído. A mãe deixa de apenas se ocupar dos afazeres domésticos – cuidar da casa, dos empregados e dos filhos – e começa a dividir com o marido o sustento do lar, saindo para o mercado de trabalho. Tal fato incidiu diretamente na constituição das famílias que deixaram de ser tão numerosas e atualmente giram em torno de três a quatro pessoas.

Essa nova posição da mulher/mãe precisou encontrar maneiras de “dividir” não somente com o homem/pai a tarefa da educação dos filhos e nesse aspecto observamos a aparição da escola como sua uma grande aliada. Na modernidade, cada vez mais cedo as crianças ingressam na escola, fato esse que precisa ser acompanhado e observado pelos envolvidos no processo de educação das crianças – a família e a escola.

DESENVOLVIMENTO

Émile Durkheim (1858-1917) pensador clássico das Ciências Sociais, nos oferece subsídios para o entendimento do fenômeno social, bem como, para a compreensão da sociologia como ciência autônoma. Inserido numa sociedade francesa do final do século XIX e início do XX, espaço de tempo marcado por aspectos envolvendo o capital e o trabalho, Durkheim tinha como desafio a construção de uma ciência pautada na razão científica a mesma aplicada à natureza humana/social. Esse pensador dedicou esforços na produção de estudos voltados para a sociologia e a pedagogia, buscando explicar o caráter social do fenômeno educativo.

[...] será sobretudo dentro da sociologia que vos falarei de educação. Aliás, assim procedendo, não haverá perigo em mostrar a realidade educativa, por aspectos que a deforme, estou convencido, ao contrário, de que não há melhor processo para salientar a verdadeira natureza da educação. Ela é fenômeno eminentemente social. (DURKHEIM, 1973a, p. 09)

Pensar a educação como um fenômeno que pode ser observado, nos leva a considerá-la como um fato social, presente em diversas esferas sociais, que contém, reproduz e perpetua tradições, valores, hábitos, crenças, etc., e independe da vontade dos indivíduos. Sabemos que os sistemas educativos são instituídos pela sociedade de acordo com a necessidade de construção do tipo ideal que a mesma deseja. Na sua função social, a educação promove a formação do sujeito, assegurando as condições para sua existência, bem como, a reprodução da sociedade. Para Durkheim a educação é uma ação exercida por gerações adultas sobre gerações infantis. Os adultos concebem as crianças em seres que precisam ser moldados para habitarem a sociedade na qual nasceram contribuindo para o seu equilíbrio. “Ao nascer, a criança somente traz sua natureza de indivíduo, egoísta e associal, carecendo da coerção externa exercida pela sociedade para se constituir num ser social.” (CANEZIN, 1998)

Nas artes encontramos com facilidade argumentos que têm como pano de fundo a educação, os dilemas de famílias e os conflitos das crianças. Na literatura poderíamos citar dentre outros o livro de Janusz Korczak “Quando eu voltar a ser criança”. Na obra o autor torna-se criança, ou seja, volta a ter um corpo de criança, mas mantém as aprendizagens acumuladas ao longo de sua vida, pois já alcançara a idade adulta. Nessa nova “forma” deslumbra-se com as novas possibilidades que lhe são oferecidas, mas também se entristece com os desatinos dos adultos que não compreendem as necessidades, os desejos das crianças, menosprezando seus sentimentos, suas angústias, suas alegrias, seus conflitos.

No cinema poderíamos citar o roteiro do filme François Truffaut “Quatrocentos Golpes”, em que Antoine Doinel, o protagonista do filme é sucessivamente agredido e abandonado por duas instituições balisares: a escola e a família. Ambas parecem conspirar para uma exclusão total do jovem. Diante de tal quadro, o destino final de Antoine não será outro senão a prisão. Antoine Doinel é um menino de aproximadamente 11 anos, que se comporta como uma criança da sua idade na escola. No entanto, acometido por pouca sorte ele é por diversas vezes apanhado em flagrante e conseqüentemente punido.

Sabemos que a arte imita a vida e nesses dois exemplos não seria diferente. Em nossa sociedade não é difícil observamos que crianças abandonadas e/ou negligenciadas pela família e/ou escola, tem seus destinos diretamente afetados, com poucas

oportunidades, restando-lhes apenas envolver-se em situações que irão comprometer seu círculo de amizades e atitudes.

Para Durkheim, existe distinção entre o ser individual e o ser social. O homem não nasce sendo um ser social, no decorrer de sua existência sofrendo as influências externas ele se constitui num ser social.

Esponaneamente, o homem não se submeteria à autoridade política; não respeitaria a disciplina moral, não se devotaria, não se sacrificaria. Nada há em nossa natureza congênita que nos predisponha a tornar-nos, necessariamente, servidores de divindades, ou de emblemas simbólicos [...] Foi a própria sociedade, na medida da nossa formação e consolidação, que tirou do seu próprio seio essas grandes forças morais. (DURKHEIM, 1973a, p. 09)

Somos humanos porque vivemos em sociedade, e como tal, sofremos as coerções impostas por ela seja, na família ou na escola. Somos fruto do meio e claro podemos romper com ele, mas na maioria das vezes reproduzimos os modelos que nos foram apresentados, sejam eles bons ou não. “[...] a educação é, acima de tudo, o meio pelo qual a sociedade renova perpetuamente as condições de sua própria existência.” (DURKHEIM, 1973a, p. 45). Esta afirmação de Durkheim do século passado nos parece atual, e contemporânea, uma vez que vai de encontro com as aspirações de muitos educadores e pais que vislumbram na educação a real possibilidade de modificar/melhorar o futuro das crianças.

[...] na visão durkheimiana, educação é um processo de socialização que envolve educadores e educandos [...] identifica a educação como uma ação que produz e reforça atributos específicos do ser social, ou certas similitudes essenciais requeridas pela vida coletiva e por determinadas condições históricas da sociedade. (CANEZIN, 1998)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família é o primeiro lugar onde iniciamos as nossas aprendizagens e começamos a adquirir o capital cultural, conceito criado por Pierre Bourdieu. Sabemos que durante muito tempo a família também foi o único local destinado à aprendizagem e que posteriormente com a escola isso foi sendo modificado. Então diante dessa importância, a família moderna, assume diferentes papéis e em muitos momentos delega à escola a tarefa de educar seus filhos.

Para Durkheim na ausência da família o Estado deve assumir a responsabilidade pela educação das crianças, mas, estamos falando de casos esporádicos. O que vislumbramos como normal e esperado seria uma parceria entre a família e a escola, cada instância atuando nas suas devidas atribuições, mas unidas num único objetivo, a formação de um ser humano considerando suas particularidades e especificidades.

No entanto, facilmente observamos que a família vem abandonando suas funções, atribuindo somente à escola a função de educar e cuidar de seus filhos, eximindo-se de suas reais tarefas. Talvez isso se deva ao fato já comentado anteriormente, das crianças contemporâneas ingressarem cada vez mais cedo na escola, promovendo um desalinhamento nas funções/atribuições da escola e da família, gerando prejuízos às crianças.

As posturas e os encaminhamentos de pais e professores são decisivos na vida das crianças, constituem os modelos que serão reproduzidos, incorporados, aceitos ou não. Com isso não fechamos as possibilidades de mudanças, de superação das expectativas, pelo contrário, essas situações acontecem para comprovar que somos seres em constante evolução dotados de inteligência e que podemos nos adaptar e modificar cenários que já se apresentam muitas vezes cristalizados. Em que as experiências coincidem com as expectativas, implicando afirmar que uma origem humilde significa um futuro humilde, o que na perspectiva de Boaventura de Sousa Santos pode ser modificado, principalmente através da educação.

Talvez o que precisemos retomar e fortalecer seja o espaço ocupado pela família e pela escola, atribuindo a ambas o merecido *status*, reconhecendo que nessa parceria conquistamos valores e desenhamos um cenário propício à aprendizagens significativas que certamente serão incorporadas e transmitidas para as demais gerações.

A modernidade nos trouxe muitos benefícios e facilidades, mas também expôs a fragilidade de nossa existência, uma vez que nossas relações têm se baseado em rótulos, somos avaliados pelo o que temos e não pelo que somos, estamos vivendo em constantes e permanentes dicotomias, um verdadeiro apartheid circunscreve a humanidade. Nossos pensamentos, atitudes e convicções passaram a ter valores ínfimos diante dos apelos ao consumo para a satisfação dos desejos do homem contemporâneo. Uma sociedade em que as informações circulam cada vez mais rapidamente e que as tecnologias fazem lançamentos diários, tornando obsoletos e velhos equipamentos que eram tidos como tecnologia de ponta até bem pouco tempo atrás.

Diante dessa fragilidade e com velocidade, as relações se diluem, os laços se afrouxam e comprometem a construção da identidade, do sentimento de pertencimento aspectos imprescindíveis na estruturação do ser humano, principalmente das crianças, que necessitam desses pilares para se desenvolverem. Assim precisamos repensar nossa sociedade, rotulada nos últimos tempos como a sociedade dos descartáveis, não apenas referindo-se aos bens de consumo, mas também as relações humanas. Não somos seres descartáveis, nossos sentimentos não são descartáveis e precisamos nos posicionar diante disso de forma crítica e reflexiva.

E nesse sentido algumas atitudes são imprescindíveis como: valorizar a família e tudo o que ela cultiva e propaga de sentimentos, valores e atitudes; reconhecer a escola como espaço de aprendizagem, mas também de relações humanas, às vezes conflituosas, mas um cenário presente na vida e na lembrança das pessoas, sendo desejado e imaginado por aqueles que não tiveram seu acesso assegurado por diferentes motivos; perceber a criança e a infância como espaços de tempo com necessidades e aspectos específicos que necessitam de atenção especial, uma vez que é nesse espaço-tempo que se alicerça a estruturação do ser humano.

Durkheim, um pensador clássico do século passado, já sinalizava essa importância, e por isso suas idéias são entendidas de forma tão atual, e por ter um pensamento que continua atual, podendo e devendo ser revisitado diante das abordagens contemporâneas. Nessa rapidez que o mundo moderno exige e que acaba deixando de lado os sentimentos, os afetos, fundamentais para nossa formação enquanto de seres humanos.

Esquecemos de viver o presente e estamos sempre preocupados com o futuro e com as crianças não é diferente. Dessa forma, parece que vivemos a vida pela metade, como se algo ficasse faltando, ou fosse deixado para trás, talvez isso nos gere um sentimento de nostalgia, de melancolia, de saudade. Esquecemos que a criança se transforma num ser

social a partir das vivências familiares e escolares, e que essas duas instâncias lhe oportunizam ferramentas para acessar o mundo.

Talvez isso aponte a necessidade de um investimento maciço em nosso lado sensível, de vivenciarmos cada fase de nossas vidas de forma intensa. De repensarmos nossas escolhas e as escolhas que temos feito para nossas crianças, para nossa família, para o nosso planeta. Quem sabe isso possa assegurar no futuro relações mais estáveis e equilibradas, mas trata-se apenas de sugestões, de possibilidades que podem ou não serem levadas a frente por nós e fazer com que a humanidade se reencante novamente pela vida e pelo ser humano.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história. Destruição da experiência e origem da história.** Tradução Henrique Burigo. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.

ARIÈS, Philippe. **História social a criança e da família.** Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões Sobre A Criança, O Brinquedo e a Educação.** São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

CANEZIN, Maria Teresa. **O objeto, o método e o fenômeno educativo na sociologia durkheimiana.** Disponível em: www.geocities.com/lfgaribaldi/Down/Mcanesin01.doc
Acesso em 20 Jul 08.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** In: Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo, Martins Fontes, 1973.

_____. **Da divisão do trabalho social.** São Paulo, Martins Fontes, 2004.

_____. **Educação e Sociologia.** São Paulo: Melhoramentos, 1973a.

_____. **O suicídio.** Lisboa: Presença, 1992.

PAULA, Elaine. **Crianças e Infâncias: Universos a Desvendar**. Disponível em: ced.ufsc.br/~zeroseis/elaine.doc Acesso em 25 Jul 08.

PRIORE, Mary Del. **Criança e crianças: história e memória em quinhentos anos de Brasil**. Disponível em: <http://www.tropicologia.org.br/conferencia/1999crianca.html> - Acesso em 28 Jul 08

MAIA, Claudio. **Comentário**. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/cinema/dossier/400golpes/comentario.htm> Acesso em 20 Jul 08.